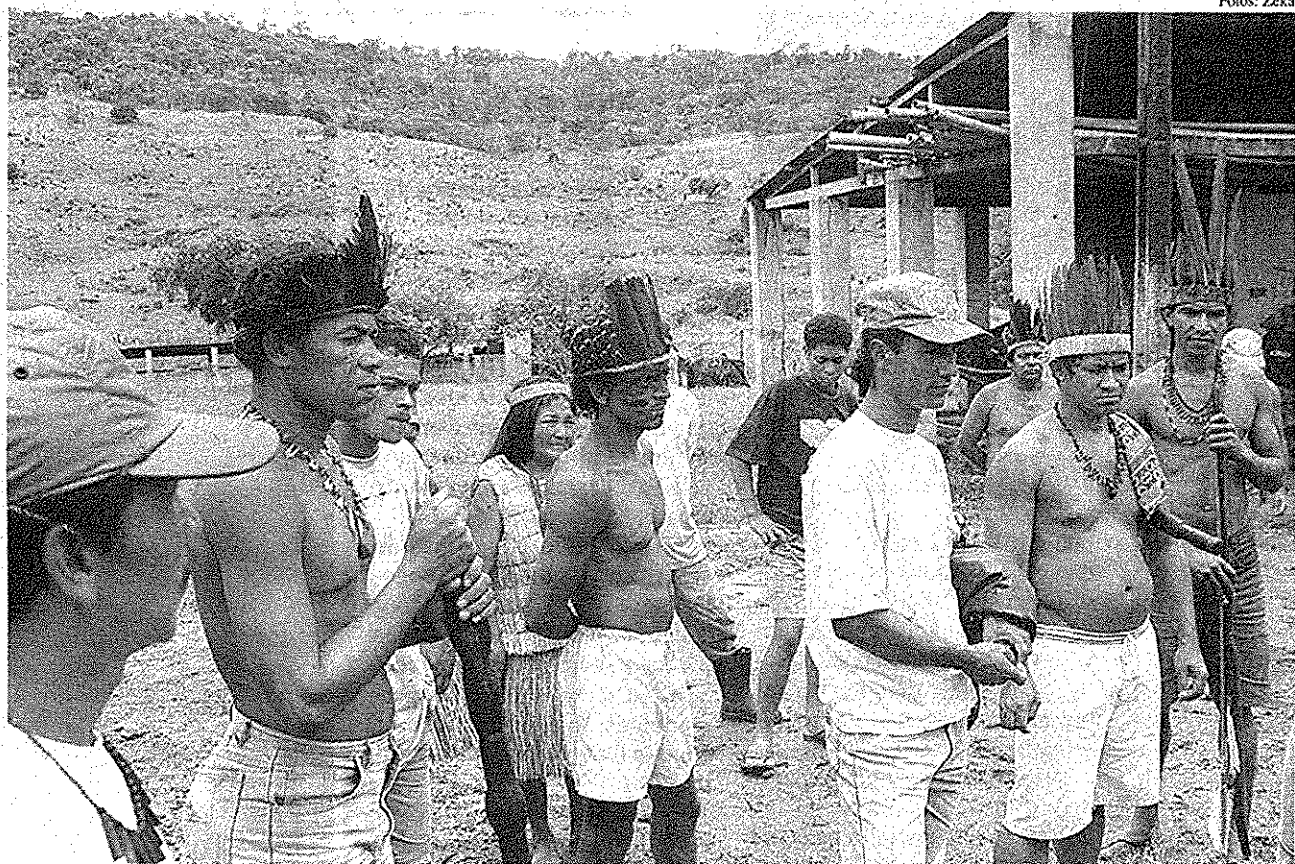


190				
			918	✓

Tensão aumenta com incêndio de Kombi

Fotos: Zéka



Foi solicitada garantia de vida para índios da Fazenda Milagrosa irem à escola e terem livre trânsito no município

PAU BRASIL (Da Sucursal Sul da Bahia) – O clima entre índios pataxós e fazendeiros voltou a ficar muito tenso com o incêndio de uma Kombi da Funai, ocorrido na noite de terça-feira, minutos depois de o motorista deixar dez índios da Aldeia São Lucas, no Centro Educacional Maria Santana, no centro de Pau Brasil. O incêndio, que destruiu totalmente o veículo, foi provocado por um coquetel molotov, lançado por um dos quatro ocupantes de um Fiat Uno quatro portas, que parou rapidamente junto à Kombi e depois fugiu.

O ato terrorista deixou em pânico o motorista do veículo, Paulo Marcos Dias Paixão. Ele contou que tudo aconteceu muito rapidamente, assim que ele saiu da Kombi, não dando sequer para anotar a placa do Fiat, que era estranho na cidade e tinha vidros escuros. O incêndio também provocou pânico entre os alunos da escola, que teve as aulas suspensas.

Fazendeiro acusado

José Batista de Souza, um

dos índios que estavam na escola, disse que soube pelas colegas que a Kombi da Funai estava pegando fogo. José correu para avisar os funcionários do órgão e o comandante de policiamento do interior, coronel Aloísio Campos Filho, que acionou as barreiras policiais na saída de Pau Brasil para Camacan, Itaju do Colônia e para o distrito de Água Vermelha, mas não conseguiu interceptar o Fiat.

O índio disse que logo após o fato, os comentários na cidade eram de que “Marcão tocou fogo na Kombi”. “Marcão” é o apelido do fazendeiro Marcos Vinícius, que há dois anos teve as terras que ocupava retomadas pelos pataxós. Segundo José Batista, na época Marcos Vinícius tentou queimar um caminhão dos índios como represália. Um índio de um grupo que estava na Fazenda Milagrosa afirmou que, no dia do incêndio, o fazendeiro passou na porta da propriedade, por volta das 17 horas, dirigindo um Fiat quatro portas cinza, com dois homens dentro.

Vice-cacique vê descaso na apuração

Durante o dia de ontem, o cacique Gérson Melo esteve reunido com lideranças hã-hã-hãe, na Aldeia São Lucas, e decidiu exigir das polícias Civil e Militar a apuração e o esclarecimento do caso, considerado muito mais que uma provocação. “Foi um atentado, que poderia ter custado a vida de dez pataxós”, disse.

Também na Fazenda Milagrosa, o vice-cacique Nailton Muniz, reunido com outro grupo, cobrou a apuração do crime contra a comunidade indígena. Nailton disse que a cidade de Pau Brasil está com dois comandantes militares – o de Polícia do Interior, coronel Aloísio Campos, e o do 15º Batalhão,

sediado em Itabuna, “e mesmo assim os fazendeiros fazem terrorismo na cara dos militares”.

O vice-cacique assinalou que os dois comandantes estão com uma tropa maior que o efetivo de Itabuna e não conseguiram saber quem praticou o crime, tendo ainda três barreiras na cidade. “Não pegaram o criminoso porque não quiseram, ou então é sinal de que o carro não saiu da cidade e pode estar escondido em uma das duas garagens de “Marcão”, afirmou Nailton. Ele revelou que a Kombi da Funai estava a serviço da Fundação Nacional de Saúde, para servir à comunidade indígena, que agora ficou sem veículo

para uma emergência.

Para o vice-cacique, um homem que tem coragem de tocar fogo pode praticar uma chacina. Ele disse que, enquanto isso, os policiais que deviam vigiar a cidade estão nas fazendas, fazendo disparos para intimidar os índios. Em razão da insegurança que a comunidade pataxó está sentindo, a professora Maria Muniz entregou um documento ao coronel Aloísio Campos, solicitando garantia para os estudantes frequentarem a escola e para o povo indígena transitar na cidade. Ontem, durante todo o dia, A TARDE procurou o coronel, que estava trabalhando no inquérito da morte de dois policiais em emboscada e não pôde

atender à reportagem.

Queixa em Camacan

Ainda na manhã de ontem os funcionários da Funai prestaram queixa do atentado à delegada circunscrição de Camacan, Dilma França dos Santos, que à tarde ouviu o motorista da Kombi, Paulo Marcos Paixão, e ia convocar outras testemunhas. Os funcionários também esperaram pela perícia, para examinar a Kombi, que ficou no local onde foi destruída pelo fogo, e também para saber que tipo de artefato os criminosos usaram para incendiar o veículo, que estava sendo guardado por uma viatura com dois policiais militares.



Material usado para o incêndio poderá ser revelado pela perícia